

Auto-avaliação, nova proposta educacional

*Alunos dão nota
a si mesmos e aos
seus professores*

Cilene Pereira

SÃO PAULO — O garoto Bruno Cerqueira César Radesca, de 13 anos, nunca imaginou que com uma simples resposta a um questionário ele poderia influir — e até modificar — no comportamento e na didática encampados pelos professores de sua escola. É verdade. Assim como a sua, as resposta dos outros 1.600 alunos são um dos mais importantes referenciais para a orientação pedagógica da Escola Nova Lourenço Castanho, um dos muitos colégios paulistas que já incluíram em seus currículos o sistema de auto-avaliação, uma espécie de janela aberta para a autocritica construída pelas chamadas escolas moderna e oferecidas a seus alunos.

Concebida no auge das reformas educacionais promovidas na década de 70, a auto-avaliação adotada hoje pelas escolas paulistas se baseia no conceito de que a escola não serve apenas para informar, mas também para preparar o aluno para uma convivência social muito mais ampla do que a conhecida por ele entre os limites da sala de aula. "O aluno precisa conhecer o seu potencial e treinar suas próprias concepções das coisas", entende o biólogo Maurício Mogilnik, orientador pedagógico do 1º grau do Colégio Equipe. Lá, cada um dos 594 alunos matriculados realiza a cada dois meses uma espécie de devassa em suas atitudes durante



*Bruno Cerqueira
César Radesca está
influindo no dia-a-
dia da sua escola*

aquele período, refletindo sobre sua capacidade de organização, de empenho, de colaboração e de outros aspectos de sua vida em grupo e consigo mesmo.

No Equipe, a auto-avaliação feita pelos alunos se transforma numa nota, dada pelos próprios estudantes, mas analisada pelos professores em cada disciplina. "Se não concordarmos com a nota que o próprio aluno se deu, conversamos e discutimos para chegar a um consenso", detalha o psicólogo Luís Márcio Barbosa, orientador pedagógico do 2º grau do colégio. Essa nota, que os

pedagogos classificam como "nota de atitudes", irá se somar a outras duas — habilidade e conteúdo — e desse conjunto será calculada a nota final de cada bimestre.

No Colégio Novo Horizonte, outra escola nascida sob os princípios da moderna pedagogia, até mesmo as notas foram suplantadas para dar lugar somente aos conceitos extraídos pelos próprios alunos. "Até a terceira série só fazemos auto-avaliação", conta Cristina Capistrano, diretora da escola. A partir da terceira série, os alunos do Novo Horizonte realizam uma auto-ava-

liação semelhante à dos estudantes do Colégio Equipe e passam a somar essa nota aferida por eles mesmo à nota da prova. A média será o conceito bimestral final.

Desse exercício diário de avaliação e capacidade de auto-análise, em alguns casos, não escapam nem os professores, como na Escola Nova Lourenço Catanho, onde estuda o menino Bruno Cerqueira César Radesca. Além da análise do seu trabalho individual e do grupo, o aluno tem ainda a privilegiada chance de dizer o que pensa da atuação de seus professores. "Se eles dizem que determinado professor é ruim, queremos que nos diga os motivos", diz a orientadora pedagógica da escola, pedagoga Sílvia Guerra de Albuquerque.

Segundo Sílvia, os questionários distribuídos entre os alunos para que se auto-avaliem e analisem também o comportamento de seus professores chegam recheados de críticas construtivas — às vezes nem tanto — às atitudes dos mestres. "Cada um nos mostra os motivos da crítica e acabamos ajudando a saber o que está acontecendo na escola", afirma a pedagoga.

Entre críticas e alfinetadas, todos são salvos. "Os alunos quase sempre têm razão no que dizem", atesta Sílvia. "Eles são sempre muito rígidos com suas avaliações, tanto deles mesmos como dos colegas e dos professores", concorda Cristina Capistrano, que garante não ter problemas de discordância entre os conceitos dados pelos alunos e os creditados pelos professores. "Hoje, quando sei que tirei 10 numa matéria, fico com orgulho. Sei que mereci de verdade", atesta a estudante Luciana Guimarães, de 13 anos, aluna do Colégio Equipe.